



Federação das Indústrias do Estado da Bahia

Relatório de

Infraestrutura

do Estado da Bahia

Federação das Indústrias do Estado da Bahia
Diretoria Executiva / SDI - Superintendência de Desenvolvimento Industrial



Relatório de Infraestrutura é uma publicação da Federação das Indústrias do Estado da Bahia (FIEB), produzida pela Superintendência de Desenvolvimento Industrial (SDI).

Presidente: Antonio Ricardo Alvarez Alban

Diretor Executivo: Vladson Bahia Menezes

Superintendente: Marcus Emerson Verhine

Equipe Técnica: Ricardo Menezes Kawabe

Carlos Danilo Peres Almeida

Ana Paula Silveira Almeida

Layout e Diagramação: GCI – Gerência de Comunicação Institucional

Data de Fechamento: 28 de fevereiro de 2018

Críticas e sugestões serão bem recebidas.

Endereço Internet: <http://www.fieb.org.br>

E-mail: sdi@fieb.org.br

Reprodução permitida, desde que citada a fonte.

SUMÁRIO

	Pág.
DESTAQUES DO MÊS	3
1. ENERGIA ELÉTRICA	6
2. PETRÓLEO E GÁS	9
3. LOGÍSTICA	15

DESTAQUES

Enel inicia operação de nova usina solar na Bahia

Enel Green Power Brasil (EGPB), subsidiária do grupo energético italiano Enel, iniciou a operação de uma usina solar de 103 megawatts (MW) de capacidade instalada em Tabocas do Brejo Velho, na Bahia. Segundo a Enel, foram investidos cerca de US\$ 110 milhões na construção do empreendimento.

Na Bahia, a EGPB já opera 706 MW de capacidade eólica e 515 MW de capacidade solar. No Brasil, o grupo Enel tem capacidade instalada de 2,9 mil MW. A empresa também possui três distribuidoras de energia, nos Estados do Rio de Janeiro, Ceará e Goiás.

Fonte: Valor Econômico (16/02/2018)

Energia eólica no Brasil atinge 13 gigawatts, quase uma Itaipu

Passados menos de dez anos do primeiro leilão de energia eólica no Brasil (2009), a capacidade instalada do País atingiu nesta semana 13 gigawatts (GW), quase o mesmo volume gerado pela maior hidrelétrica brasileira, Itaipu, com 14 GWs, e bem perto da França (13,7 GW), sétima colocada no ranking mundial da produção de energia pelo vento.

O Brasil está em oitavo lugar, segundo ranking divulgado no dia 15 de fevereiro pelo Global World Energy Council (GWEC). Em 2012, estava na 15ª posição. Segundo a Associação Brasileira de Energia Eólica (Abeeólica), o montante gerado pelas eólicas já é equivalente ao consumo médio de cerca de 24 milhões de residências por mês. “Esta é uma marca muito significativa, é importante comemorar, mas sem jamais perder nossa visão de futuro. Em construção ou já contratados há mais 4,8 GWs, divididos em 213 parques eólicos que serão entregues ao longo dos próximos anos, até 2023, levando o setor para próximo da marca de 19 GW”, explica em nota Elbia Gannoum, presidente executiva da Abeeólica, que com os novos leilões programados para este ano prevê em breve um parque de 20 GW no Brasil.

Outro dado novo do setor, divulgado nesta semana, veio da Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE), que mostrou o crescimento de 26,5% da geração de energia eólica em operação comercial no Sistema Interligado Nacional (SIN), em 2017, na comparação com 2016. “Lideram o ranking de produção de energia eólica os estados do Rio Grande do Norte (3,7 GW); Bahia (2,5 GW); Ceará (1,9 GW) e Rio Grande do Sul (1,8 GW).

Fonte: Exame (21/02/2018)

Estrangeiras vão fazer obra da Vinci na Bahia

A francesa Vinci Airports definiu um consórcio formado pela Vinci Energies, empresa do conglomerado, mais as empreiteiras de origem portuguesa Alves Ribeiro e Teixeira Duarte para realizar as obras no aeroporto de Salvador, um dos quatro terminais leiloados em março do ano passado. As empresas portuguesas prestaram serviços ao aeroporto de Lisboa, hoje administrado pela Vinci.

A Vinci foi a última das três operadoras que arremataram aeroportos na mais recente rodada a escolher a construtora. Antes do leilão, assinara um memorando de entendimento com a Queiroz Galvão que previa a prestação de serviço como EPC (sigla em inglês para engenharia, suprimentos e construção). Mas a negociação com a empresa, uma das envolvidas na Operação Lava-Jato, não avançou.

Nos próximos 24 meses as obras do aeroporto da capital baiana têm de ficar prontas e os investimentos podem superar R\$ 1 bilhão. O escopo prevê ampliação do aeroporto, melhorias como da pista de pouso e decolagem, e a construção de um novo terminal com as respectivas pontes de embarque adicionais. O aeroporto de Salvador era um dos mais interessantes da rodada passada, em que foram leiloados ainda Fortaleza, Porto Alegre - arrematados pela alemã Fraport -, e Florianópolis, que ficou com a suíça Zurich.

Fonte: Valor Econômico (20/02/2018)

Contratos de financiamento em infraestrutura do BNDES subiram 26% em 2017

Mesmo com a recessão, o BNDES registrou aumento de 26% nos financiamentos contratados junto ao banco no segmento de infraestrutura em 2017, alcançando R\$ 19,45 bilhões. Já os desembolsos, os créditos liberados para projetos aprovados, subiram 13%, para R\$ 19,83 bilhões. A previsão para este ano é que as contratações cresçam para perto de R\$ 30 bilhões, enquanto os desembolsos em infraestrutura devem bater R\$ 23 bilhões, diz Marilene Ramos, diretora de Infraestrutura.

Apesar da crise, tivemos expansão de novos contratos de financiamento, o que tende a fazer os desembolsos também crescerem. Isso aconteceu sobretudo porque tivemos mais leilões de energia, o que mostra a importância de se manter os leilões regulares para alimentar a carteira de projetos, afirma a diretora. Os desembolsos em infraestrutura representam, tradicionalmente, entre 30% e 40% dos desembolsos totais do banco. Isso indica que o resultado final de 2017 deve ficar abaixo de R\$ 70 bilhões. De janeiro a novembro do ano passado, o BNDES acumulava R\$ 61 bilhões em desembolsos, 20% menos que em igual período de um ano antes. O banco encerrou 2016 com R\$ 88,3 bilhões em desembolsos, um tombo frente os R\$ 136 bilhões de 2015.

A mesma destaca que o avanço em contratações e desembolsos na área de energia compensaram o recuo em saneamento e transporte. Já no setor de energia, as contratações saltaram de R\$ 8 bilhões em 2016 para R\$ 15,46 bilhões em 2017. Enquanto os desembolsos avançaram de R\$ 9,20 bilhões para R\$ 13,43 bilhões.

Fonte: O Globo (04/01/2018)

São Francisco deve levar R\$ 15 bi da Eletrobras

O governo trabalha com a possibilidade de que as contribuições que a Eletrobras precisará fazer para a revitalização do rio São Francisco, no contexto de sua privatização, vão chegar a um total de R\$ 15 bilhões com a tramitação do projeto de lei (PL) que trata da operação no Congresso. Pelo texto proposto no PL, a Eletrobras fará aportes de R\$ 350 milhões por ano na revitalização do rio durante os primeiros 15 anos das suas novas concessões, baixando para R\$ 250 milhões por ano nos últimos 15 anos, chegando a um total de R\$ 9 bilhões para o programa.

Possivelmente não serão vetadas as alterações no projeto de lei que elevem o total a até R\$ 500 milhões anuais, levando o total da contribuição a R\$ 15 bilhões ao longo dos 30 anos. Esse já era o montante mínimo de contribuição defendido por algumas alas do Ministério de Minas e Energia (MME), mas que acabou sendo reduzido por pressões da equipe econômica do governo. O aumento dos valores deve ser necessário para garantir a aprovação do PL principalmente no Nordeste, onde fica a sede da Chesf e que concentra a principal resistência à privatização da companhia elétrica.

Fonte: Valor Econômico (20/02/2018)

Preço do Petróleo chega a US\$ 70 o barril pela primeira vez em três anos

Pela primeira vez desde dezembro de 2014 o preço do petróleo tipo Brent, negociado no Mar do Norte, atingiu US\$ 70 o barril. O avanço é atribuído às tensões geopolíticas e à queda das reservas do óleo nos EUA, que enfrenta um inverno rigoroso. No mercado de Londres, o barril chegou a ser negociado a US\$ 70,05. “Desde o início do ano os preços vinham subindo por causa das tensões geopolíticas - seja no Irã ou entre este país e os EUA - e uma demanda forte”, disseram analistas.

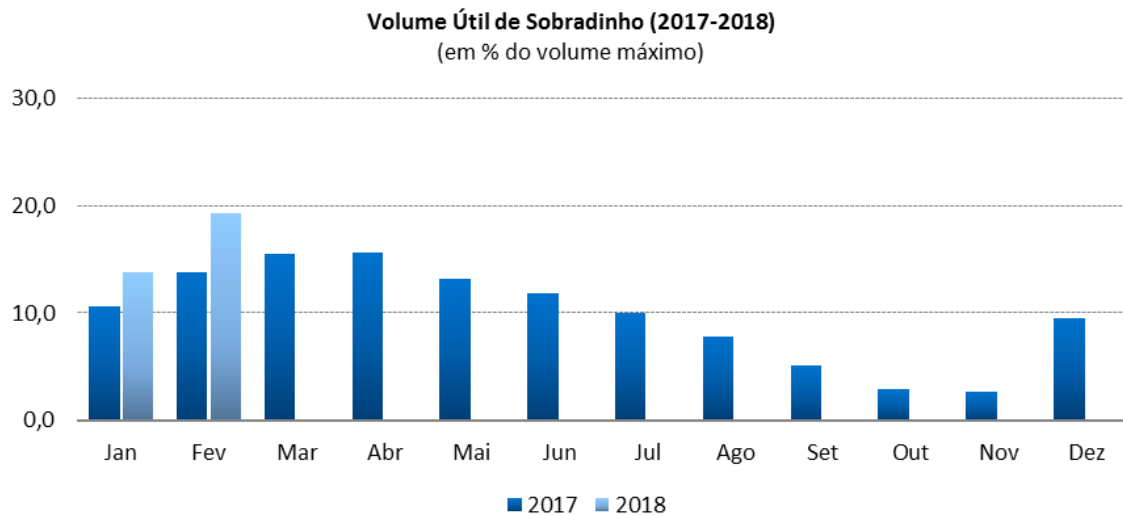
Além disso, os cortes na oferta mundial impostos pela Organização de Países Exportadores de Petróleo (Opep) e seus aliados também contribuíram para a alta, segundo o próprio relatório semanal de reservas publicado pelo governo americano. O avanço dos preços é considerado uma demonstração de que a Opep e seus aliados estão sendo bem-sucedidos na tentativa de eliminar o excesso desencadeado pelo crescimento do óleo xisto dos EUA. A preocupação é de que possa haver interrupções no fornecimento decorrentes da tensão política crescente nos países membros da Opep, Irã e Venezuela.

O Irã já havia alertado que o grupo corre o risco de superaquecimento dos mercados com o petróleo nos níveis atuais. Os membros da OPEP não têm interesse que os preços do Brent sejam cotados acima de US\$ 60 o barril por causa do potencial de produção de xisto, segundo o ministro iraniano do petróleo, Bijan Namdar Zanganeh, de acordo com o serviço de notícias do ministério. Os estoques de petróleo dos EUA caíram 4,95 milhões de barris no início de janeiro, a oitava queda consecutiva, segundo dados da Agência Internacional de Energia.

Fonte: Época Negócios (11/01/2018)

1. ENERGIA ELÉTRICA

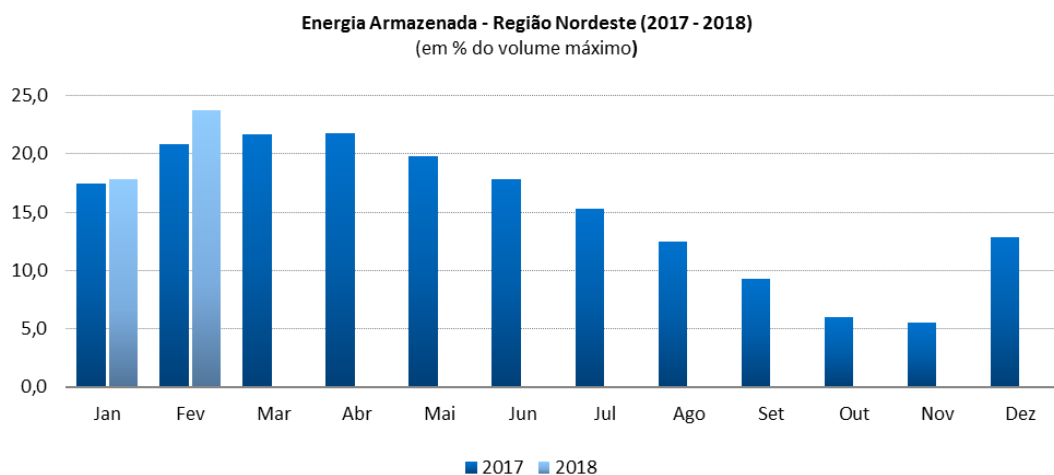
1.1 Nível dos Reservatórios do Nordeste: Sobradinho



Fonte: ONS; elaboração FIEB/SDI.

O reservatório de Sobradinho alcançou o volume de 19,3% de sua capacidade em fevereiro de 2018. Tal valor é superior ao registrado em igual mês do ano anterior, quando alcançou 13,8% do volume máximo, e o maior nível desde julho de 2016.

1.2 Energia Armazenada – Nordeste

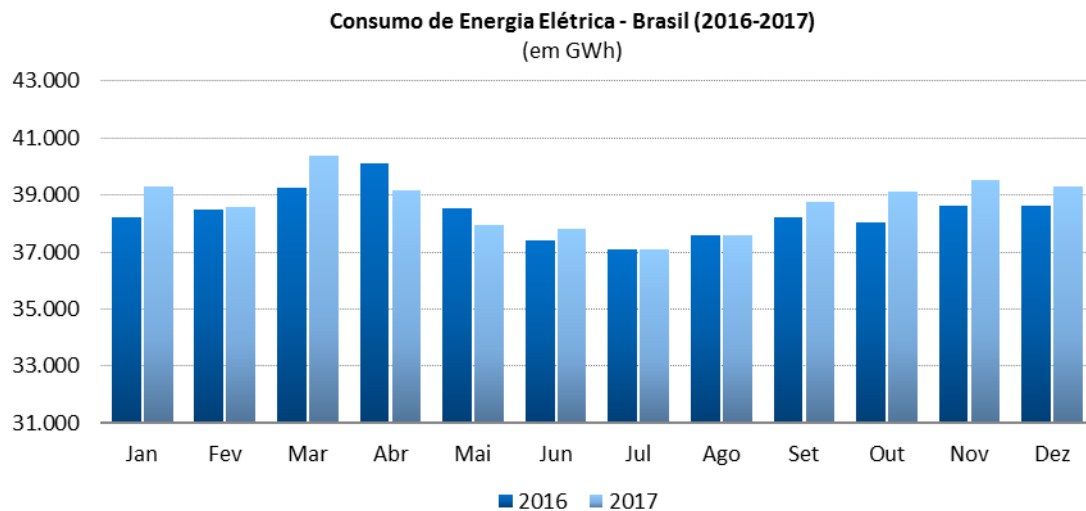


Fonte: ONS; elaboração FIEB/SDI.

Na comparação da curva de energia armazenada, que engloba todos os reservatórios da Região Nordeste, vê-se que o nível acumulado em fevereiro de 2018 alcançou 23,7 % do volume máximo, contra 20,8% em igual período do ano anterior. Este é o maior patamar desde julho de 2016, quando alcançou 23,3%.



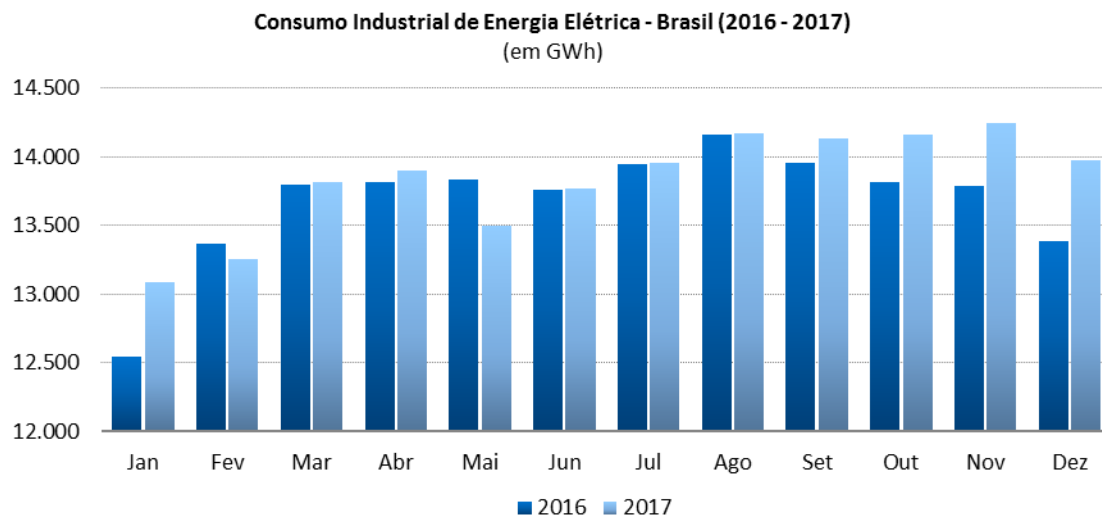
1.3 Consumo de Energia Elétrica – Brasil (2016 – 2017)



Fonte: EPE; elaboração FIEB/SDI.

Em dezembro de 2017, o consumo nacional de energia elétrica apresentou 1,7% de incremento na comparação com igual mês do ano anterior, assim como o consumo total de energia em 2017, que registrou crescimento de quase 1% em relação a 2016.

1.4 Consumo Industrial de Energia Elétrica – Brasil (2016 – 2017)

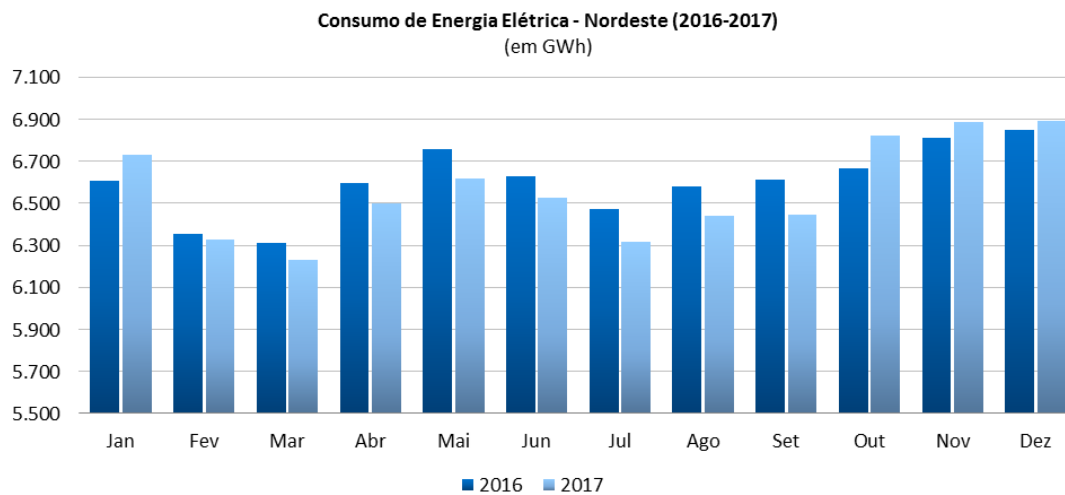


Fonte: EPE; elaboração FIEB/SDI.

Em dezembro de 2017, o consumo industrial de energia elétrica obteve crescimento, com alta de 4,4% em relação a igual mês do ano anterior. No acumulado do ano, o consumo da indústria registrou alta de 1,1%, sinalizando a retomada das atividades do setor.



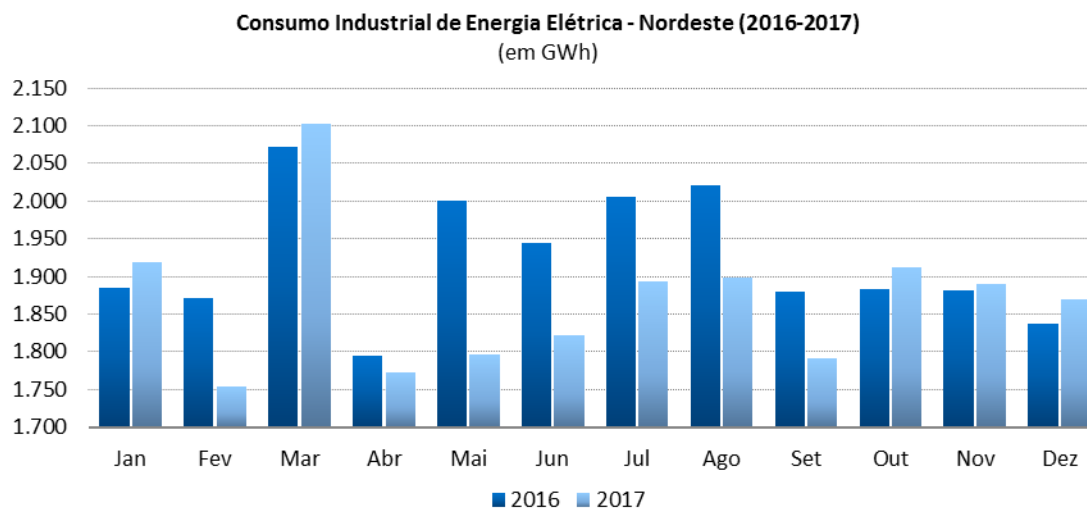
1.5 Consumo de Energia Elétrica – Nordeste (2016 – 2017)



Fonte: EPE; elaboração FIEB/SDI.

O consumo de energia elétrica na Região Nordeste apresentou crescimento de 0,6% em dezembro de 2017, na comparação com igual mês de 2016. No acumulado do ano, o consumo de energia registrou queda de 0,1% na comparação com 2016. A queda do consumo total de 2017 foi determinada pelas classes: industrial (-1,9%) e comercial (-0,5%).

1.6 Consumo Industrial de Energia Elétrica – Nordeste (2016 – 2017)

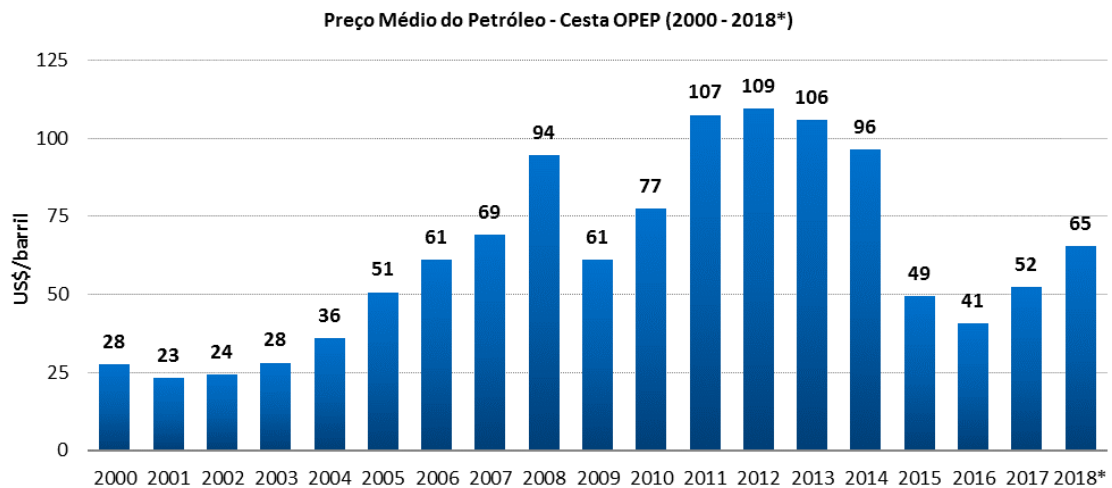


Fonte: EPE; elaboração FIEB/SDI.

O consumo industrial de energia elétrica na Região Nordeste apresentou crescimento de 1,8% em dezembro de 2017 na comparação com igual mês de 2016. No entanto, no acumulado do ano, registrou-se queda de 1,9% em comparação à 2016.

2. PETRÓLEO E GÁS

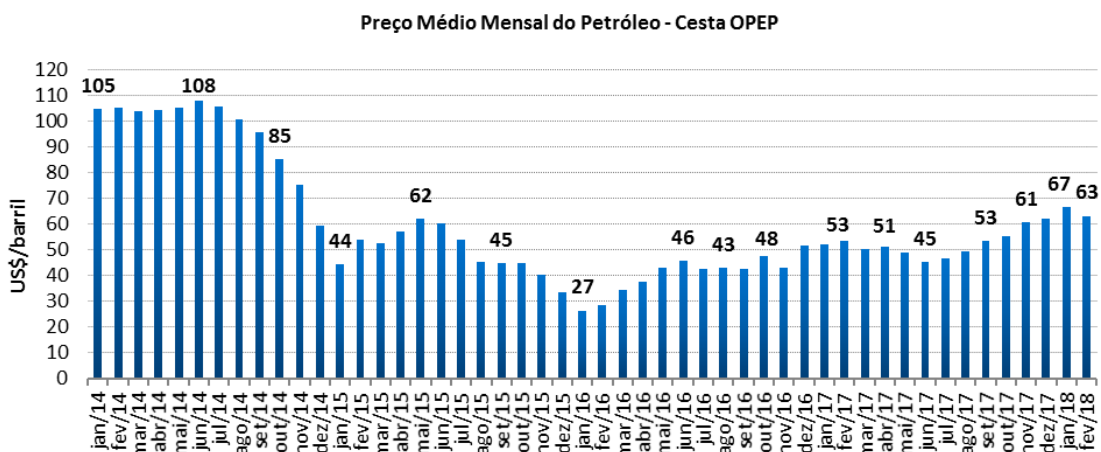
2.1 Preço médio dos petróleos – Cesta OPEP (2000-2018*)



Fonte: OPEP; elaboração FIEB/SDI. Média de 2018 calculada com dados até 23/02/2018.

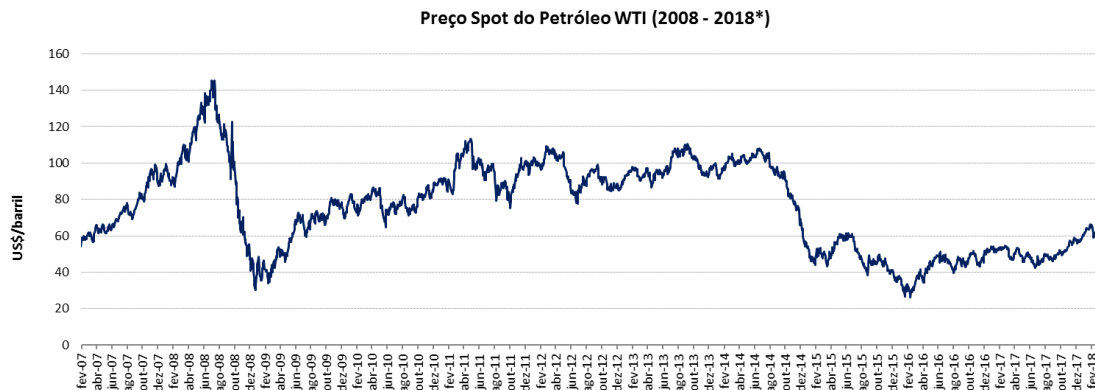
Os preços dos petróleos da cesta OPEP apresentaram forte aceleração entre 2004 e 2008, resultado da elevação na demanda dos países em desenvolvimento, notadamente China e Índia. Esse movimento foi interrompido após meados de 2008, quando a crise econômica global provocou recuo dos preços. A partir de 2010, no entanto, iniciou-se um processo de recuperação e estabilização num patamar superior a US\$100/barril, mas um novo ciclo de baixa expressiva teve início em 2014 e, com dados até outubro/2017, a média dos preços de 2017 alcançou US\$ 50/barril. No início de 2018 o preço do barril passou por um período de aumento, chegando a alcançar US\$ 70/barril, em virtude das tensões geopolíticas e queda das reservas nos Estados Unidos.

2.2 Preço médio mensal do petróleo – Cesta OPEP



Fonte: OPEP; elaboração FIEB/SDI. Média de fevereiro de 2018 calculada com dados até 23/02/2018.

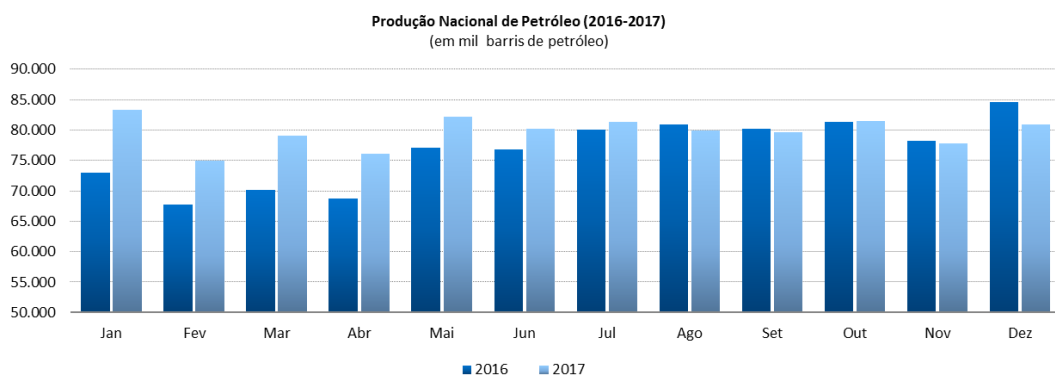
2.3 Preço médio do Petróleo WTI (2008-2018*)



Fonte: EIA - Energy Information Administration. Elaboração FIEB/SDI. Calculada com dados até 20/02/2018.

Analogamente, o preço do petróleo WTI (West Texas Intermediate) no mercado spot apresentou trajetória de contínuo crescimento no período 2003-2008, decorrente da forte demanda dos países em desenvolvimento. No entanto, tal como no caso dos petróleos da cesta OPEP, os preços do WTI despencaram de US\$ 147,27 em julho de 2008 para cerca de US\$ 33/barril em dezembro do mesmo ano. De meados de 2013 até agosto de 2014, os preços oscilaram em torno de US\$ 100/barril. A partir de então, os preços iniciaram uma forte trajetória de declínio. No início de 2016, o preço do barril caiu para os menores patamares desde meados de dezembro de 2008, de cerca de US\$ 30/barril. Este ano, como relatado, o preço do barril passou por um período de aumento, chegando a alcançar US\$ 70/barril, em virtude das tensões geopolíticas e queda das reservas nos Estados Unidos.

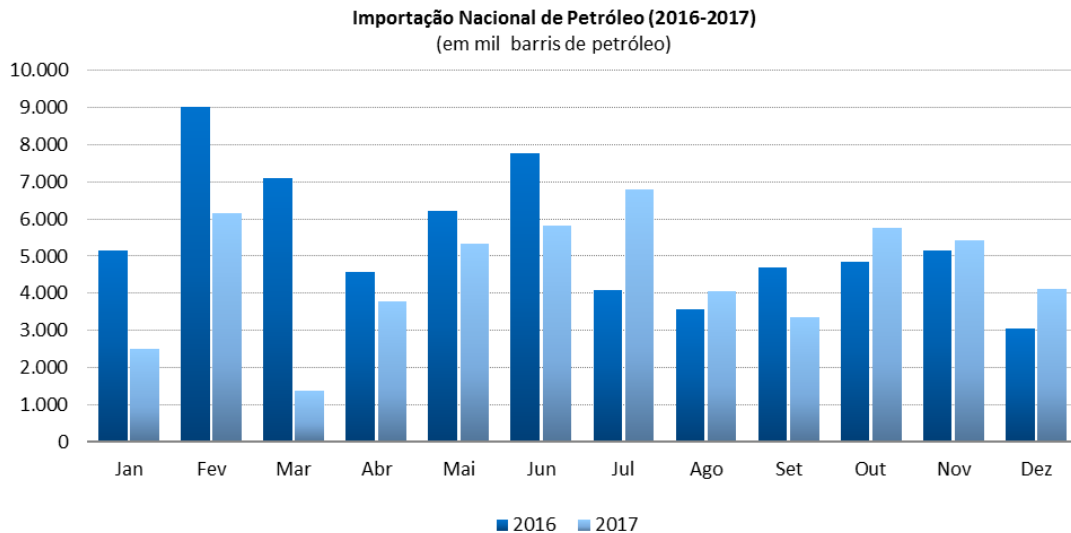
2.4 Produção Nacional de Petróleo (2016-2017)



Fonte: ANP; elaboração FIEB/SDI.

Em dezembro de 2017, a produção nacional de petróleo apresentou queda de 4,3% em comparação com igual mês do ano anterior. Registrou-se um volume de 81 milhões de barris, equivalentes a 2,61 milhões de barris/dia. No acumulado de 2017, produção brasileira de petróleo alcançou 957 milhões de barris (média diária de 2,62 milhões) e contabilizando incremento de 4,2%, na comparação com o ano anterior. No ano, a produção de petróleo da Bahia representou apenas 1,24% da produção nacional, contribuindo com 32,4 mil barris/dia.

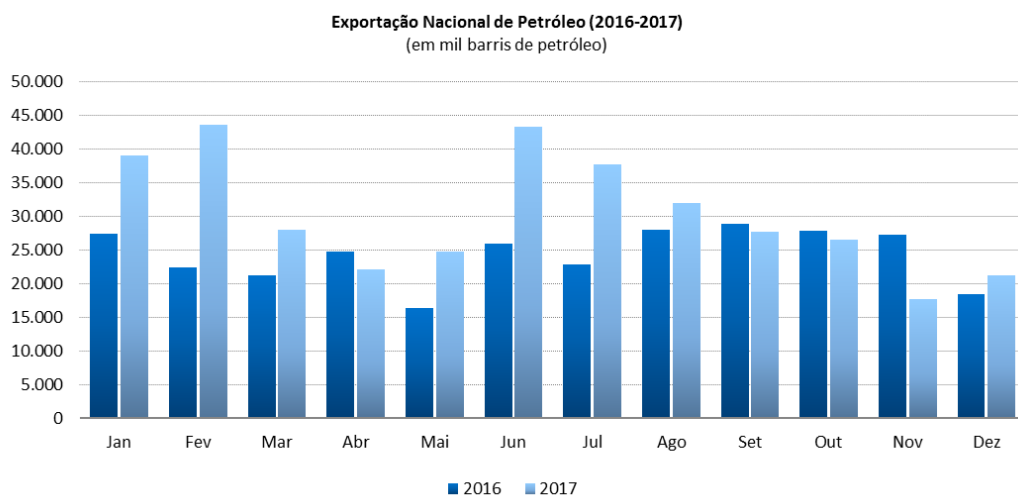
2.5 Importação Nacional de Petróleo (2016 – 2017)



Fonte: ANP; elaboração FIEB/SDI.

Em dezembro de 2017, a importação de petróleo apresentou crescimento de 35% em comparação com igual mês do ano anterior. No acumulado de 2017, o total importado alcançou o volume de 54,5 milhões de barris, com queda de 16,4% em relação a 2016. A tendência é de continuada queda nas importações por conta do aumento verificado na produção dos campos do pré-sal.

2.6 Exportação Nacional de Petróleo (2016 – 2017)



Fonte: ANP; elaboração FIEB/SDI.

O Brasil exportou 21 milhões de barris em dezembro de 2017, registrando aumento de 15,3% em comparação com igual mês do ano anterior. O volume no acumulado de 2017 exportado foi 24,8% superior a 2016. Em geral, o petróleo exportado é do tipo pesado (extraído de campos marítimos), menos aproveitado nas refinarias nacionais, que foram projetadas para processar óleo leve (de grau API maior que 31,1).

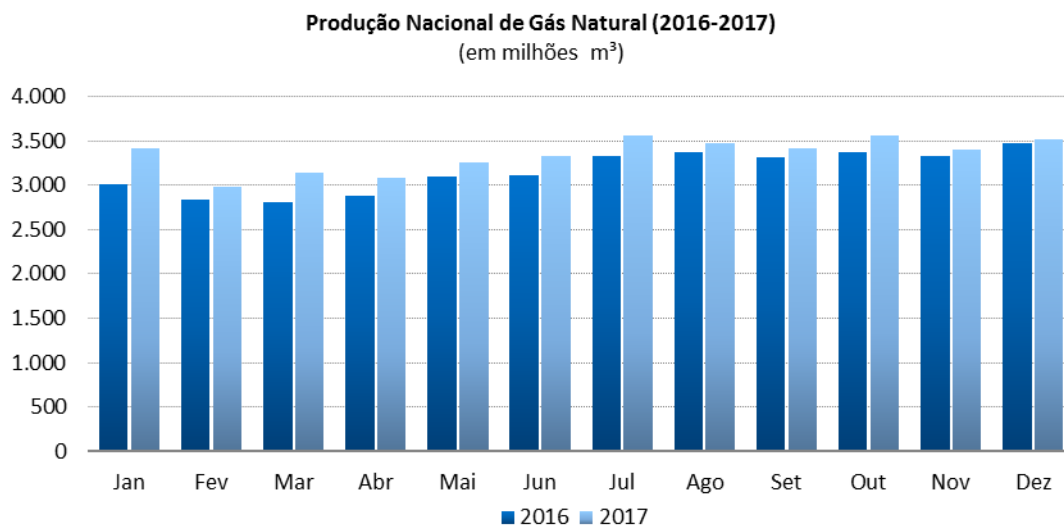
2.7 Dependência Externa de Petróleo – Brasil (2016 – 2017)

	dez/16	Jan-Dez/16	dez/17	Jan-Dez/17
Produção de Petróleo (a)	90,2	976,2	86,4	1019,4
Imp. Líq. de Petróleo (b)	-16,3	-242,0	-18,2	-328,8
Imp. Líq. de Derivados (c)	6,4	82,6	9,3	124,0
Consumo Aparente (d) = (a+b+c)	80,2	816,8	77,5	814,5
Dependência Externa (e) = (d-a)	-9,9	-159,4	-8,9	-204,9
Dependência Externa (%) (e)/(d)	-12,4	-19,5	-11,5	-25,2

Fonte: ANP, elaboração FIEB/SDI

Em dezembro de 2017, o Brasil registrou importação líquida de petróleo (importações menos exportações) negativa de 18,2 milhões de barris de petróleo (ou seja, exportou mais do que importou). No mês, a dependência externa foi de -8,9 milhões de barris. No acumulado de 2017, registrou-se dependência externa negativa de petróleo e derivados (-25,2%), contra uma dependência de -19,5% em 2016.

2.8 Produção Nacional de Gás Natural (2016-2017)



Fonte: ANP; elaboração FIEB/SDI.

Em dezembro de 2017, a produção nacional de gás natural apresentou crescimento de 1,4% em comparação com igual mês do ano anterior. Registrou-se um volume de produção de 3.514 milhões m³ no mês de referência. No acumulado do ano, a produção brasileira de gás alcançou 40.117 milhões m³, em crescimento na comparação com igual período do ano anterior (5,9%).

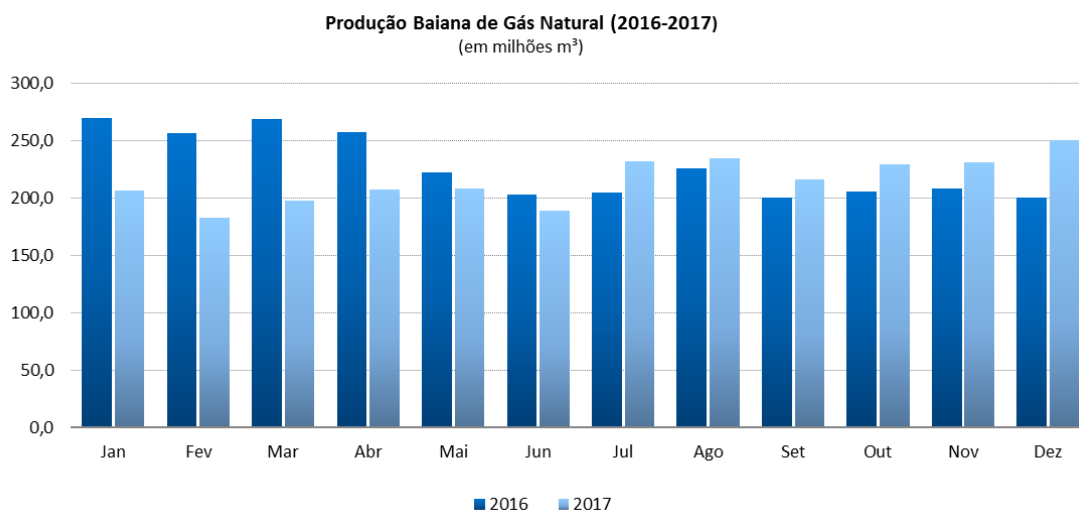
	Média em Dez/2016	Média do período jan-dez/2016	Média em Dez/2017	Média do período jan-ago/2017
Produção Nacional¹	111.772	155.289	113.373	165.092
- Reinjeção	29.466	45.367	26.696	41.468
- Queimas e Perdas	4.350	6.082	3.866	5.667
- Consumo Próprio	13.578	19.338	13.202	20.188
= Produção Nac. Líquida	64.378	84.502	69.608	97.768
+ Importação	21.142	54.593	31.721	43.480
= Oferta	85.520	139.095	101.329	141.248

¹ Não inclui Gás Natural Liquefeito

Fonte: ANP, elaboração FIEB/SDI

Tendo em conta o balanço do gás natural no país, verifica-se que a oferta no Brasil alcançou a média de 101 milhões m³/dia em dezembro de 2017, contabilizando crescimento de 15,6% em relação ao registrado em igual mês do ano anterior. No acumulado do ano de 2017 a média nacional foi 1,5% maior do que a registrada em 2016.

2.9 Produção Baiana de Gás Natural (2016-2017)

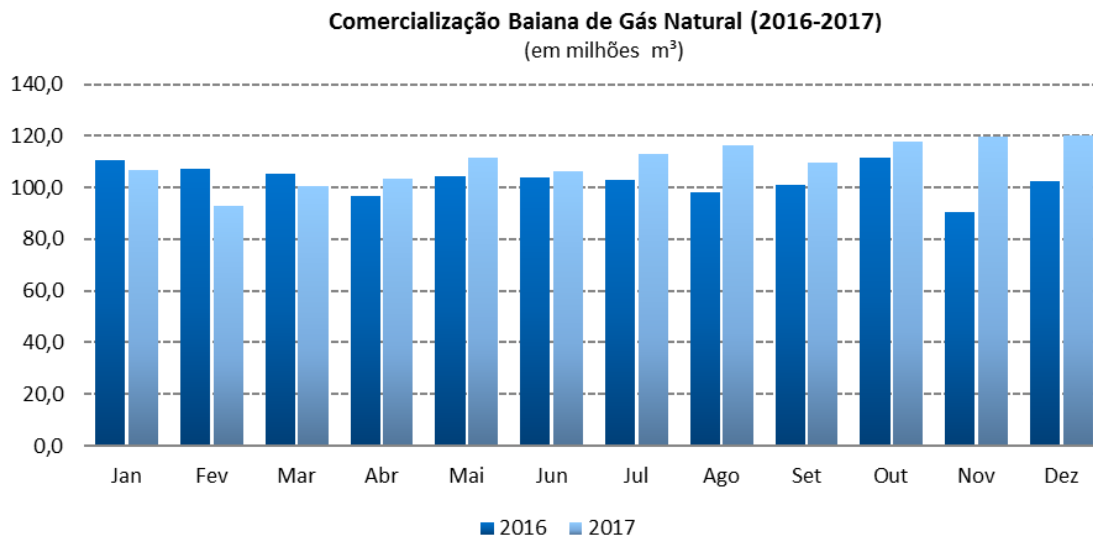


Fonte: ANP; elaboração FIEB/SDI.

O volume de gás produzido na Bahia em dezembro de 2017 alcançou 250,5 milhões m³ (ou 8,08 milhões m³/dia), registrando alta de 25% em comparação com igual mês do ano anterior. A produção baiana respondeu por 7,1% da produção brasileira de gás natural no mês analisado. No acumulado ao ano de 2017, a produção de gás na Bahia alcançou 2.587 milhões m³ (ou 7.088 milhões m³/dia), com queda de 5,0% em relação a 2016. Em 2017, a produção baiana representou 6,4% da produção de gás nacional.



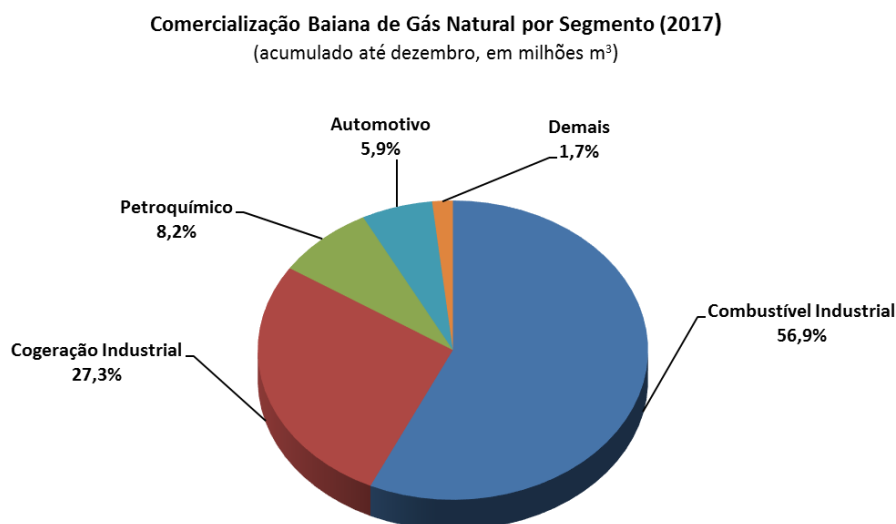
2.10 Comercialização de Gás Natural na Bahia (2016-2017)



Fonte: Bahiagás; elaboração FIEB/SDI.

O volume de gás vendido na Bahia em dezembro de 2017 alcançou 120,4 milhões m³ (ou 3,3 milhões m³/dia), registrando crescimento de 17,6% em comparação com igual período do ano anterior. No acumulado ao ano, o volume comercializado alcançou 1.317 milhões m³, alcançando crescimento de 6,7% em relação a 2016.

2.11 Comercialização Baiana de Gás Natural por Segmento (2017)



Fonte: Bahiagás; elaboração FIEB/SDI.

Em 2017, o gás destinado a Combustível Industrial foi de 750 milhões m³, representando 56,9% do total. Em seguida aparecem Cogeração Industrial (359,5 milhões m³, 27,3%) e petroquímico (107,7 milhões m³, 8,2%). Esses três segmentos consumiram 92,4% do gás comercializado pela Bahiagás no ano passado.

3. LOGÍSTICA

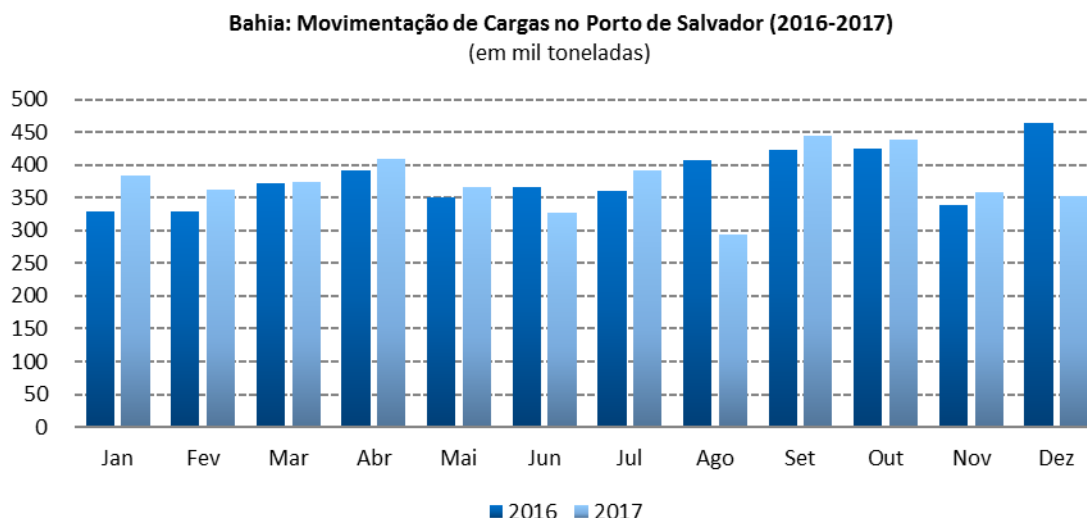
3.1 Movimentação de Passageiros no Aeroporto Internacional de Salvador (2016-2017)



Fonte: Infraero; elaboração FIEB/SDI.

Em dezembro de 2017, a movimentação de passageiros no Aeroporto Internacional de Salvador cresceu 6,0% em comparação com o registrado em igual mês de 2016. No acumulado do ano de 2017, a movimentação de passageiros no Aeroporto de Salvador foi de 7,7 milhões de passageiros, crescimento de 3,3% em relação ao ano anterior.

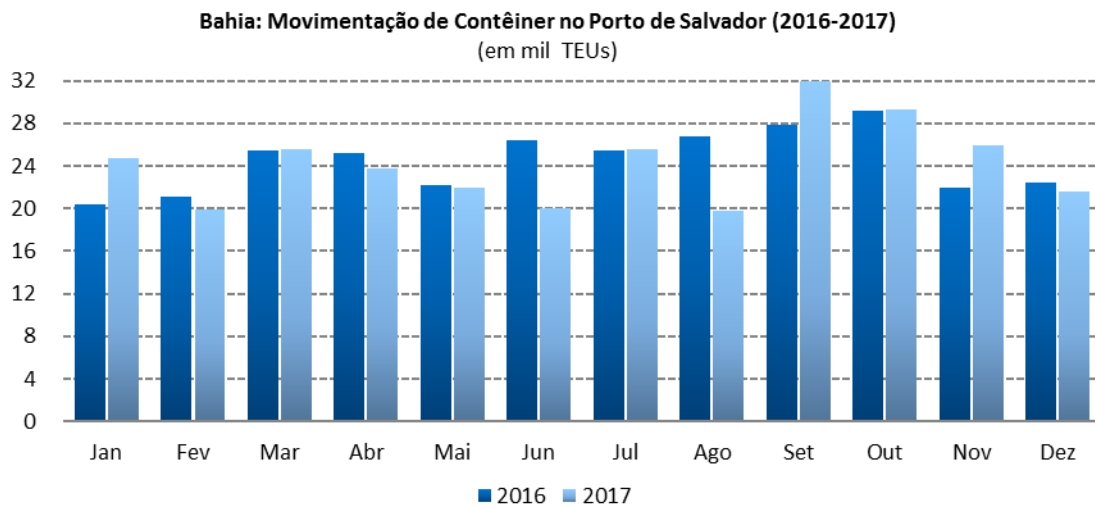
3.2 Movimentação de Cargas no Porto de Salvador (2016-2017)



Fonte: CODEBA; elaboração FIEB/SDI.

Em dezembro de 2017, a movimentação de cargas no porto de Salvador apresentou queda de 24,1% em comparação com igual mês do ano anterior. No acumulado de 2017, verificou-se queda de 1,2% em comparação com 2016, alcançando o montante de 4.502 mil toneladas.

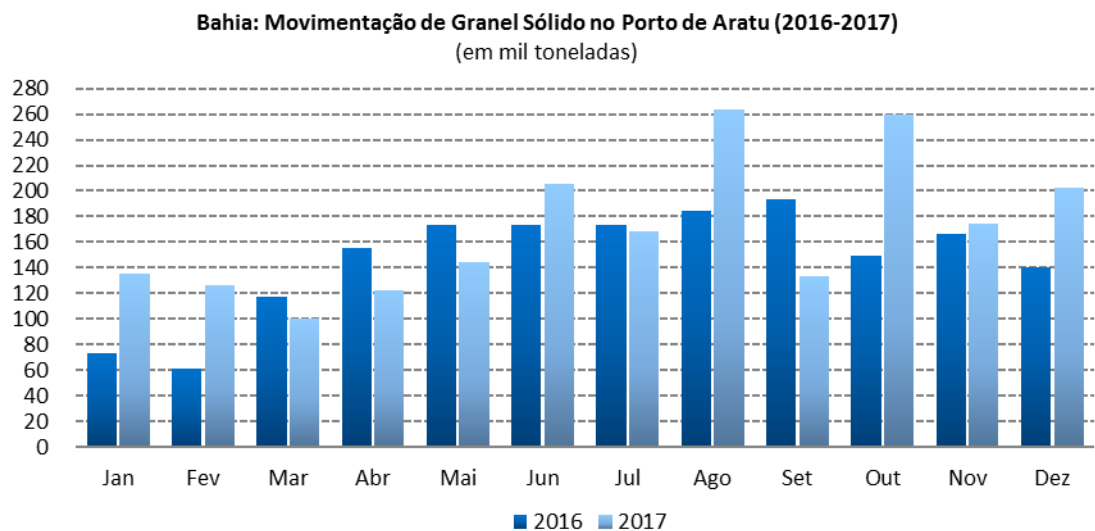
3.3 Movimentação de Contêineres no Porto de Salvador (2016-2017)



Fonte: CODEBA; elaboração FIEB/SDI.

A movimentação de contêineres no porto de Salvador, em dezembro de 2017, apresentou queda de 3,9% em relação a igual mês do ano anterior. No acumulado de 2017, registrou-se um montante de 290,3 mil TEUs, contra 294,4 mil TEUs movimentados em 2016, uma queda de 1,4% no período.

3.4 Movimentação de Carga Sólida no Porto de Aratu-BA (2016-2017)

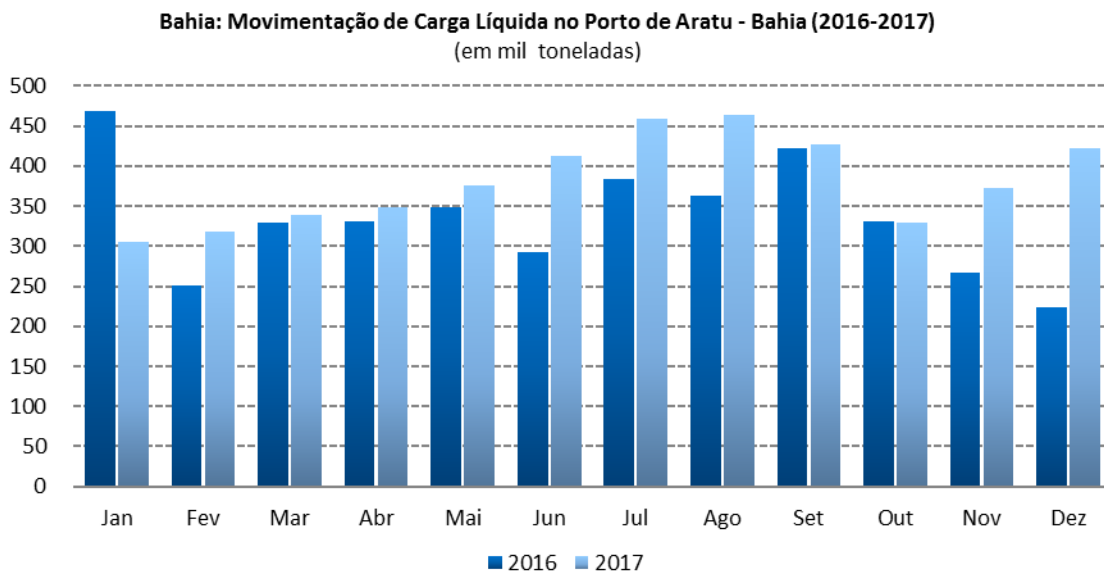


Fonte: CODEBA; elaboração FIEB/SDI.

Em dezembro, a movimentação de granel sólido no Porto de Aratu registrou queda de 43,9%, em comparação com o mesmo mês de 2016. No acumulado de 2017, a movimentação de granel sólido alcançou o volume de 2.037 mil toneladas, registrando incremento de 15,7% em comparação a 2016.



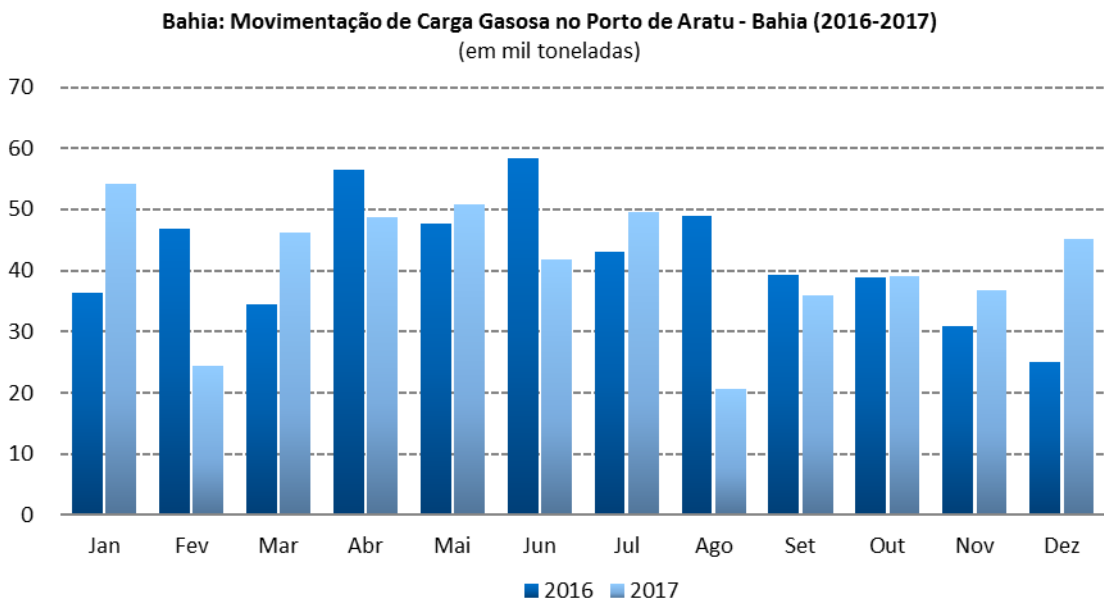
3.5 Movimentação de Carga Líquida no Porto de Aratu-BA (2016-2017)



Fonte: CODEBA; elaboração FIEB/SDI.

A movimentação de carga líquida no porto de Aratu, em dezembro de 2017, registrou alta de 88,6% em comparação com igual mês do ano anterior. No acumulado de 2017, alcançou o montante de 4,6 milhões de toneladas, registrando incremento de 14,1% em relação a 2016.

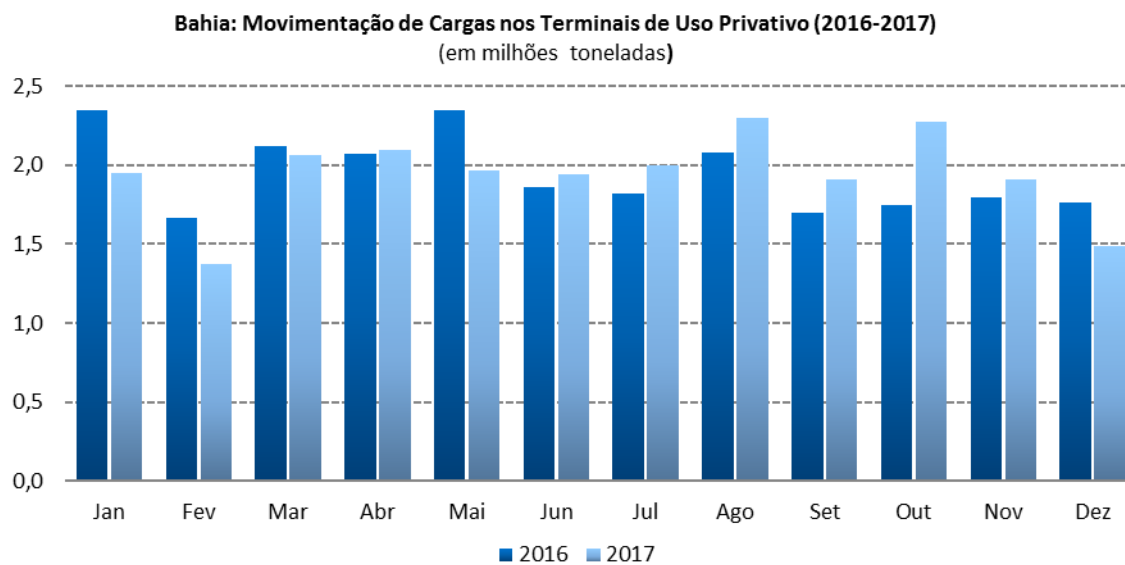
3.6 Movimentação de Carga Gasosa no Porto de Aratu-BA (2016-2017)



Fonte: CODEBA; elaboração FIEB/SDI.

Em dezembro, a movimentação de carga gasosa no porto de Aratu alcançou 45,2 mil toneladas contra 25,1 mil registradas em igual mês do ano anterior (+80,3%). No acumulado de 2017, registrou-se o montante de 493,3 mil toneladas, contra 506,6 mil toneladas registradas em igual período de 2016 (-2,6%).

3.7 Movimentação de Carga nos Terminais de Uso Privativo da Bahia (2016-2017)



Fonte: CODEBA; elaboração FIEB/SDI.

Em referência à movimentação de carga nos terminais de uso privativo (TUPs), em dezembro de 2017, registrou-se queda de 15,7% em comparação com o mesmo mês do ano anterior. No acumulado do ano, registrou-se movimentação de 23,3 milhões de toneladas, queda de 0,2% em comparação a 2016.



Federação das Indústrias do Estado da Bahia